

CARINA RISSI

encontrada

À espera do felizes para sempre

UM LIVRO DA SÉRIE

perdida

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2014



VERUS
EDITORA

1

Fiquei um pouco agitada observando Isaac acomodar as grandes caixas sobre a carruagem. A assistente de madame Georgette estava na calçada ao lado de duas pilhas de pacotes que quase ultrapassavam sua altura. E Anelize não era do tipo mignon. Ela esticava um deles para o alto, e o garoto que cuidava do estábulo de Ian coçava a cabeça, claramente se perguntando onde acomodaria mais um.

Eu gemi e desviei os olhos. Ian tinha extrapolado todos os limites dessa vez.

— Seu irmão não devia ter comprado tanta coisa pra mim. É um exagero! — reclamei com Elisa, roendo a unha do dedão.

Minha quase cunhada adolescente me encarou, exibindo suas adoráveis covinhas. Os cabelos negros, como os do irmão, ressaltavam a satisfação mal disfarçada nos grandes olhos azuis.

— Você ouviu. Ian ordenou que comprássemos o enxoval completo. Creio que teremos de voltar amanhã para buscar o restante. Ou então pedir para Isaac vir sozinho, caso os preparativos do casamento nos impeçam de estar aqui.

— Eu não preciso de nada disso, Elisa! — resmunguei, batendo o pé feito uma criança de cinco anos.

— Discordo, senhorita Sofia — contrapôs a melhor amiga de Elisa, com ar sonhador. Tá vendo? Eu devia estar me sentindo como a Teodora, embasbacada e animada, não assustada. — O senhor Clarke lhe compra

tantas coisas apenas pelo desejo de vê-la feliz — continuou Teodora, pousando a mão enluvada em meu cotovelo.

Uma parte de mim sabia que ela tinha razão, e eu até podia entender Ian, desde que ele não comprasse a vila toda para mim, como vinha fazendo nas últimas semanas. Conforme o casamento se aproximava, mais tensa e inquieta eu me sentia. Não sabia ao certo por quê — bem, isso não é totalmente verdade. Não que a culpa fosse minha, mas da sociedade que cismava em usar o termo errado quando duas pessoas decidiam dividir a vida. *Contrair* matrimônio. Eu não conhecia nenhum bom uso para aquele verbo: contrair dívidas, contrair um vírus... Os bíceps de Ian se contraindo e estufando as mangas da camisa enquanto ele treinava seus cavalos... humm... Tudo bem, um uso era bom, mas só aquele. Alguém devia fazer alguma coisa a respeito disso. Não é para menos que as pessoas fiquem com um pé atrás quando pensam em se casar. Como fora o meu caso, antes de conhecer Ian e ele me fazer perceber que um papel não mudaria nada. Eu tinha dado o grande passo, o maior de todos na verdade, ao aceitar abandonar o meu moderno, tecnológico, cheio de facilidades século vinte e um, para viver com ele no arcaico e sem recursos século dezenove.

Admirei o anel que reluzia em minha mão esquerda. Ian o desenhara e pedira a um joalheiro conhecido da cidade para confeccionar a peça. Era o anel mais espetacular que eu já tinha visto. Uma safira rodeada de brilhantes e dois diamantes triangulares de cada lado do aro dourado, formando uma flor perfeita. Acabei suspirando.

Escolher Ian foi simples, natural como respirar. Não dava para viver com o coração batendo fora do peito e morando em outro século. Não havia ninguém que me conhecesse tão bem quanto ele. Nem mesmo Nina, minha melhor amiga, que tive de deixar para trás. Por isso era *tão* ridículo ficar tão aflita por conta de uma simples cerimônia.

Maldita Tensão Pré-Casamento!

Então ali estava eu, vendo Isaac ser ocultado pelas caixas do meu enxoval. Não suportando mais observar a pilha de pacotes crescer sobre o teto da carruagem, sugeri a Elisa e Teodora que fôssemos dar uma volta pela vila. Elas toparam na hora. Não que fosse surpresa. Teodora era fã de compras, mesmo que fosse comprar remédios. O que era exatamente o caso.

— Se não se importarem, eu gostaria de ir até a botica — sugeriu a ruiva. — Mamãe precisa de seus sais.

Acompanhei as duas pelas ruas de pedra da pequena vila, desviando de carroças e cavalos amarrados a estacas. Ainda era chocante contemplar aquele cenário, fazer meu cérebro entender que agora eu fazia parte dele. Homens com botas e casacos acompanhavam damas com amplas saias enfeitadas. Os casais paravam aqui e ali para uma conversa casual com um conhecido. Eu era abordada frequentemente quando Ian me acompanhava até a vila — eu nunca saía sozinha, não sabia montar, muito menos dirigir uma carruagem —, e volta e meia era alvo de inúmeras perguntas. Algumas pessoas eram simpáticas comigo, outras apenas curiosas. E era compreensível. Por mais que eu me esforçasse, ainda destoava e muito de todos ali, sobretudo se Elisa e Teodora estivessem ao meu lado, com vestidos bufantes perfeitos graças à crinolina, coisa que jurei *já* voltar a usar. Uma garota deve impor alguns limites.

Não que eu estivesse me queixando de nada, nem daqueles olhares especuladores, mas às vezes... tudo bem, quase sempre... eu me sentia meio mal por ser alvo de tanto interesse. Tipo uma atração de circo. Ian sempre ria quando eu lhe dizia isso, e então me beijava de um jeito provavelmente inadequado para o século dezenove. Aí eu perdia a linha de raciocínio e esquecia tudo que me atormentava. O que, pensando bem, devia ser a intenção dele.

Humm... Acho que eu devo reclamar mais vezes...

— A senhora Madalena está com tudo pronto para a festa — falou Elisa, animada. — Restam apenas alguns detalhes a ser resolvidos. Passou tão depressa que mal posso acreditar que o casamento acontecerá em dois dias!

— Eu também — concordei, saindo do caminho de um menino com roupas excessivamente engomadas que perseguia um cachorro desgredado e fedorento.

— É surpreendente que a senhora Madalena esteja tão adiantada — comentou Teodora —, pois o número de convidados é bastante grande. O senhor Clarke fez questão de convidar todos os moradores da vila.

Eu soltei um longo suspiro.

— Acho que o Ian convidou até aquele cachorro ali, Teodora.

Eu havia imaginado uma pequena cerimônia na fazenda de Ian, com alguns poucos amigos, mas ele e Elisa tinham outros planos. Planos imensos! E, mesmo pouco à vontade, concordei. Levei dias para endereçar e despachar todos os convites. Usar pena para escrever era um saco, e eu não me saí muito bem. De toda forma, minha letra era praticamente ilegível, e Ian teve que terminar o serviço com sua caligrafia perfeita.

— Será uma cerimônia esplêndida, Teodora! — Desde que marcamos a data, Elisa não falava em outra coisa. — Sobretudo quando virem a noiva. O vestido de Sofia é absolutamente maravilhoso e único.

— Não que a madame Georgette concorde com isso — resmunguei. A costureira quase se recusou a confeccioná-lo. Foi preciso muita persuasão (e algumas moedas extras, eu suspeitava) da parte Ian para convencê-la a costurar o vestido que eu queria.

— Devo concordar que madame Georgette tem mãos de fada, e certamente seu vestido de noiva será o mais... — Entretanto, antes que Teodora pudesse continuar com os elogios, um homem alto e magro se colocou em nosso caminho.

— Bom dia, senhoritas! — o médico da vila e amigo dos Clarke se inclinou educadamente, tocando a aba do chapéu redondo. — Que grata surpresa encontrá-las aqui na vila assim tão cedo.

— Viemos buscar o enxoval da senhorita Sofia, dr. Almeida — explicou Elisa. — Isaac está acomodando as compras na carruagem.

O magricela sorriu para mim de um jeito simpático.

— Suponho que a senhorita esteja ansiosa com a proximidade do casamento — observou o dr. Almeida.

— Mais do que o senhor pode imaginar — acabei dizendo.

Ele balançou a cabeça de leve.

— Estou em dívida com o senhor Clarke. Lamento não ter ido visitá-lo nas últimas semanas, sobretudo por perder a oportunidade de conhecê-la melhor, senhorita Sofia. E se eu corrigisse meu erro oferecendo um jantar aos noivos em minha residência?

Eu sabia! Sabia que ele não esqueceria o assunto.

— Hã... não vai dar. Tá tudo muito corrido, sabe como é... por causa do casamento e tudo mais. Mas vou passar o recado pro Ian. Ele vai gostar do convite. — Porque, ao contrário de mim, Ian confiava naquele homem.

Meu problema com o dr. Almeida ia muito além do rancor por ele ter sugerido, tempos atrás, que Ian me internasse em um manicômio. Acontecera logo depois de eu contar ao meu futuro marido que viajara no tempo. Obviamente, a princípio ele não acreditou, eu mesma custei a crer que tinha sido enviada ao passado sem passagem de volta. Eu não podia culpá-lo por ter pedido ajuda ao velho amigo da família na esperança de me ajudar de alguma maneira. Mesmo assim, a sugestão do dr. Almeida ainda me causava mágoa.

Fora Ian, o médico era a única pessoa ali que sabia, ainda que vagamente, que eu não tinha nascido naquela época. Meu medo era que ele decidisse investigar ou, pior, estudar o caso mais a fundo, ainda que Ian me garantisse todos os dias que o amigo jamais faria uma coisa dessas. Ele insistia em dizer que eu agora pertencia àquele século — pertencia a Ian, eu sempre o corrigia —, e não havia nada a investigar. Eu nunca acreditava nele, claro.

— E quanto à senhorita? — o médico quis saber, franzindo a testa. — Também ficaria feliz?

— Eu... humm... bem...

O dr. Almeida me estudou por um momento, então seus ombros caíram com um suspiro cansado.

— Não posso culpá-la por ter uma impressão tão ruim a meu respeito — comentou ele, insatisfeito. — Espero que com o tempo eu consiga mudar sua opinião e ganhar sua confiança. Mande lembranças ao senhor Clarke. — Ele fez uma mesura, se despedindo, e seguiu pela rua de paralelepípedos, cumprimentando alguns conhecidos com quem cruzava pelo caminho.

— Por que foi tão pouco cortês com o dr. Almeida? — Elisa quis saber assim que o médico estava longe o bastante. — Ele é um bom homem, Sofia.

— E muito curioso também — apontei.

— E isso é errado?

— Depende, Elisa. Depende muito do que ele vai querer saber.

Ela me lançou um olhar reprovador, mas deixou o assunto morrer quando voltamos a andar. Seguimos direto para a botica de fachada amarela e

portas imensas. Ali dentro havia prateleiras altas e escuras forradas de potinhos, frascos de tamanhos e cores variados. O aroma pungente de produtos químicos fez meu nariz coçar de um jeito bom.

O homem, ágil demais para a idade avançada, atendeu Teodora parecendo meio deprimido. Seus olhos cansados e escuros estavam tristes. Depois de pegar os saís de que a mãe da garota fazia uso e embrulhá-los em um papel pardo grosseiro sobre o balcão de imbuia, ele me encarou.

— Peço que me perdoe, senhorita Sofia. Minha família e eu não poderemos comparecer ao seu casamento. Acabamos de receber a triste notícia de que a sobrinha de minha esposa faleceu. Partiremos para a cidade ainda esta tarde.

— Sinto muito — falei, me encolhendo.

— Que terrível notícia, senhor Plínio — lamentou Elisa. — O que houve?

Ele sacudiu a cabeça, arrasado.

— Não sabemos ao certo, senhorita Elisa. Rosália era jovem e tinha boa saúde. Pela carta de meu cunhado, parece que se tratou de um trágico acidente. A pobrezinha havia acabado de se casar...

— Oh! Mande nossas sinceras condolências à sua esposa e à família de sua sobrinha — adicionou Elisa, abatida.

Também fiquei deprimida ao ouvir a história. O fim de uma vida sempre mexia comigo, ainda mais quando era a de alguém tão jovem como a tal Rosália parecia ser. Comecei a remexer nos vidros e frascos amontoados nas prateleiras para me recompor e tentei afastar as lembranças de meus pais, que também partiram por uma fatalidade do destino. Eles não estariam presentes no meu casamento. Nina também não. Exceto pelos Clarke, eu não tinha amigos ali.

Comecei a ler alguns rótulos para me livrar dos pensamentos obscuros e, depois de um tempo, me dei conta de que um era mais estranho que o outro. Para que servia óleo de limão-doce?

— Não anda se sentindo bem, senhorita Sofia? — seu Plínio se aproximou, parando ao meu lado.

— Eu estava só olhando. Não conheço muito bem esses... essas... fórmulas...

Ele balançou a cabeça uma vez, entendendo.

— Esse óleo é indicado para diversas finalidades. Pode ser usado para combater dores nas articulações, enxaqueca, hidratar, e, acredite, alguns produtos de beleza levam óleo de limão-doce e lavanda para durar mais tempo.

Aquilo capturou minha atenção no mesmo instante.

— Tipo um conservante?

— Em alguns casos — ele confirmou.

Meu cérebro começou a trabalhar. O condicionador caseiro que aprendi a fazer com a Nina era uma mão na roda, já que não existia chapinha, secador ou creme para pentear no século dezenove, mas era um saco ter de ficar amassando aquela papa toda vez que eu queria tomar banho. Seria genial se eu pudesse prepará-lo em grande quantidade e armazenar por um tempinho.

— E o senhor tem óleo de lavanda aqui também?

— Claro que sim. Deixe-me ver... — Ele correu os olhos e os dedos longos e enrugados pelas prateleiras e, da última, pescou um vidrinho azulado.

Seu Plínio destampou o frasco, e o cheiro concentrado de lavanda fez meus olhos lacrimejarem. Seria melhor usar em pequenas quantidades.

Mais animada, sorri para ele.

— Eu vou... — Mas me detive. Como eu pagaria pelo óleo?

— ... comprá-los, é claro — interveio Elisa, que escutava a conversa. Ela retirou uma moeda da bolsinha de mão e a entregou ao boticário. — Esqueceu sua bolsa?

— Mais ou menos. — Eu nunca carregava uma das oito bolsas de crochê que Ian comprara para mim simplesmente porque não tinha o que colocar dentro. Ah, sim, ele me dava uma pilha de moedas todos os dias. E, assim que ele virava as costas, eu as deixava no primeiro lugar que encontrava.

O boticário embrulhou as pequenas garrafas em papel escuro e finalizou o pacote com barbante, me entregando o embrulho logo em seguida.

Voltamos para a carruagem e guardei os vidros na cabine. Isaac ainda tinha alguns problemas lá em cima. Evitei o máximo que pude olhar para

as caixas, me sentindo muito culpada ao ver o rosto todo suado do rapaz parcialmente oculto pela muralha de pacotes. Eu precisava ter uma conversa muito séria com Ian.

Um cavaleiro fez a curva no fim da rua. Meu coração errou uma batida antes de começar a retumbar no peito, zunindo em meus ouvidos. Um suspiro escapou dos meus lábios sem que eu percebesse.

Lá estava ele.

Ian Clarke. O homem mais fantástico que já conheci em todos os tempos. Um legítimo cavaleiro do século retrasado — meu século atual nas últimas duas semanas e meia —, educado e prestativo, e seria meu marido em menos de quarenta e oito horas.

Ian era um aristocrata, ainda que sem título de nobreza. E, apesar das muitas pretendentes ricas, lindas e que sabiam se portar naquela sociedade arcaica, ele escolhera a mim, Sofia Alonzo, que nascera na maluca década de oitenta e conhecera todas as tecnologias e maus modos do século vinte e um.

Pressentindo que eu estava por perto, seus olhos vasculharam os arredores e me encontraram. Um sorriso esplêndido curvou sua boca. Aproveitei para admirar seu porte atlético enquanto ele se aproximava; os cabelos negros como a noite sacudidos pelo trote do cavalo marrom-claro, o rosto anguloso de proporções perfeitas, os olhos escuros e profundos com brilho prateado nos quais eu sempre me perdia, os lábios que, eu tinha certeza, haviam sido moldados para beijar os meus.

Como sempre acontecia, me senti atraída até ele, como se orbitasse ao seu redor, e não percebi que meus pés se moviam até ver o terror reluzir em seus olhos, ainda a certa distância.

Franzi a testa, me detendo. Ian não devia me olhar desse jeito pelo menos até, sei lá, completarmos vinte anos de casados e eu embarangar geral. Qual era o problema?

— Sofia! — gritou ele, acelerando o trote. E eu achei seu tom aterroizado fora de contexto.

Ao menos até seguir a direção de seu olhar — fixo em um ponto pouco além de mim — e perceber que estava no meio da rua e que, a alguns metros, uma carruagem puxada por dois cavalos imensos seguia rápida e descontrolada.

E vinha em minha direção.

Tudo aconteceu tão rápido que meu cérebro não conseguiu registrar a cena. A carruagem estava a poucos centímetros e mal daria tempo de fechar os olhos. Parte de mim ficou revoltada com o atropelamento iminente. Quer dizer, era tão injusto ser atropelada por uma carruagem estúpida que mal alcançava trinta quilômetros por hora depois de ter passado a vida toda driblando carros, ônibus e motos que nunca respeitavam a faixa de pedestres no trânsito caótico da minha metrópole. A outra parte de mim se preparava para ser esmagada por patas e rodas de madeira.

Antes de fechar os olhos, vi o condutor se assustar e, por puro reflexo, puxar as rédeas abruptamente, tentando deter os animais. Os cavalos não souberam o que fazer, meio que frearam, meio que empinaram, mas a física não permitiu que a carruagem se detivesse, e ela se arrastou pelas pedras irregulares. Não havia como eu ser rápida o bastante para sair da frente, nem como a carruagem desviar o trajeto.

Esperei que a tal retrospectiva da minha vida passasse bem diante dos meus olhos, como acontecia nos filmes, mas só pude pensar em Ian, em seu sorriso, no jeito apaixonado como ele me olhava, na sorte de tê-lo encontrado, de ter tido a chance de amá-lo, de ser amada por ele. Minha vida tinha valido a pena...

Bem quando eu já me preparava para a colisão, tão próxima que pude sentir o resfolegar quente dos cavalos em meu rosto, um terceiro animal chegou por trás e, por um instante, achei que seria amassada por ele antes que a carruagem pudesse me pegar.

— Sofia! — gritou Ian.

Não sei ao certo como ele conseguiu me alcançar tão depressa, mas o fato é que ele estava bem ali. Em um momento em que o mundo pareceu girar em câmera lenta, ele soltou as rédeas de Meia-Noite e, sem poder acreditar, eu o vi tomar impulso e se lançar sobre mim. Ian voou por alguns segundos antes de seu corpo colidir em cheio contra o meu. O tranco nos fez cambalear para trás e caímos nos ásperos paralelepípedos. Ian aterrisou sobre mim, ouvi um *crec* que não pude identificar se ressoara no corpo dele ou no meu. Senti uma pontada aguda alfinetar meu braço — o que me fez suspeitar que o *crec* fora em mim. As patas pesadas dos ani-

mais e a roda da carruagem passaram a centímetros do meu rosto, fazendo meu sangue gelar. O mundo voltou à sua velocidade normal.

— Você está bem? — Ian me examinou com dedos ágeis.

Eu quis perguntar se ele tinha se machucado, se aquele som de coisa quebrada viera dele, mas mal conseguia visualizar seu rosto. Ele saía de foco a todo instante.

— Sofia, olhe para mim. Sente dor? — As mãos ansiosas tocavam meu rosto, depois minha cabeça, investigando. Nesse processo, ele se movimentou um pouco e, como ainda estava sobre mim, algo em meu corpo reagiu de imediato.

Não, não isso!

Uma dor intensa, quase insuportável, me fez ver estrelas e urrar de um jeito pouco lisonjeiro. O peso sobre mim se fora abruptamente.

— Onde dói? Mostre-me! — ele exigiu, apalpando de leve meus ombros e toda a extensão do meu braço esquerdo, até que alcançou o meu pulso. Eu gritei de novo, e Ian soltou um palavrão que soou mais como uma súplica do que qualquer outra coisa. — Oh, meu Deus, você está sangrando! — murmurou ele horrorizado, olhando para minha pele suja de sangue.

Com todo o cuidado, Ian segurou meu pulso para examinar o tamanho do estrago, mas foi o suficiente para me fazer gemer e ele recuar no mesmo instante.

— Oh! Acho que ela vai desmaiar! — uma voz feminina desconhecida soou histérica.

Até aquele momento, eu não tinha percebido que havia um pequeno grupo amontado ao nosso redor. Uma mulher com cara de cavalo se abanava com um leque, parecendo prestes a ter um piripaque.

— Não vou, não — objetei, contrariada.

Era só o que me faltava. Desmaiar feito uma donzela de filme antigo. Eu até podia estar em 1830, mas não começaria a agir como uma garota afetada. Não mesmo!

— Pois a senhorita *devia* desmaiar — retrucou friamente a Cara de Cavalo. — É o que faz uma dama em uma situação como essa.

Maravilha. Eu não sabia nem mesmo me machucar de forma apropriada no século dezenove.

— Eu sabia que isso ia acontecer. O que dizem é real, Ofélia. — A mulher ao lado fez o sinal da cruz.

— Que Deus a proteja. — E a Cara de Cavalo se benzeu também.

Certo. De que diabos aquelas duas malucas estavam falando?

— Ian! — alguém chamou com aflição. Elisa. — Ah, meu Deus, Sofia! — A menina olhou para mim, ainda estendida no chão, e cobriu a boca com a mão enluvada, admirada com a quantidade de líquido que jorrava da ferida.

Teodora estava ao lado dela, e a cor de seu rosto, naturalmente pálido, desapareceu de vez, evidenciando ainda mais as sardas. Isaac chegou por último.

— Isaac, vá até a casa do dr. Almeida! Diga-lhe que a senhorita Sofia precisa de seus serviços. Vou levá-la ao consultório — instruiu Ian, atormentado. Ele tentava me tocar, mas hesitava, como se estivesse com medo de me ferir.

— O médico passou por aqui agora — eu disse a Ian enquanto ele retirava um lenço do bolso do paletó e, com o mais gentil dos toques, o amarrava em meu antebraço rasgado. — Ai! Acho que ele foi na direção da igreja.

Ian assentiu uma vez e me ajudou a sentar. Ele estava tão pálido quanto Teodora.

— Você ouviu, Isaac! Vá logo, pelo amor de Deus! — ordenou, mas sua voz estremeceu.

— Si-sim, patrão. Irei imediatamente. — E saiu correndo.

Meu noivo, percebendo que eu pretendia ficar de pé, se antecipou, passando os braços por baixo do meu corpo e me içando do chão. A pequena aglomeração ao nosso redor exclamou um *Oh!* coletivo. Rezei para que fosse por conta de todo aquele sangue que já empapava o lenço branco, e não por minha bunda estar aparecendo, mesmo com todo o tecido da saia longa cobrindo minhas pernas.

Elisa e Teodora se apressaram para acompanhar as largas passadas de Ian.

— Não se preocupe com nada, tudo ficará bem — ele garantiu de um jeito aflito. Tive a impressão de que não era a mim que ele tentava convencer.

— Não tô preocupada, mas, Ian, eu machuquei o braço, não as pernas. Eu posso andar!

Ele imediatamente sacudiu a cabeça.

— É claro que posso! — insisti. — Me põe no chão. Vou te sujar todo. — O fluxo de sangue já havia ensopado o lenço e agora escorria para a minha roupa. O vestido azul-claro já era.

— Pouco me importa, Sofia. Minhas roupas são a última coisa que me preocupa agora. — Ele me olhou nos olhos e me segurou mais junto de seu corpo. Havia tanta angústia em seu semblante que eu teria rido se não fosse a dor latejante em meu antebraço. — Lamento muito por tê-la ferido.

Eu ofeguei.

— De onde você tirou um absurdo desses? Você não me machucou! Pelo contrário, me salvou de ser atropelada.

Ele negou com a cabeça, perturbado.

— Pensei que a perderia bem diante dos meus olhos. Agi sem pensar. — Ele gemeu e deixou a cabeça pender, desferindo um beijo delicado em minha testa. Tudo isso sem perder uma passada sequer. Passei o braço bom em torno de seu pescoço. — Por que foi para o meio da rua daquele jeito?

Eu corei e desviei os olhos para os botões de sua camisa.

— Eu não estava prestando muita atenção. Essa coisa de casamento anda me deixando meio... desligada — murmurei, pois era menos embaraçoso do que lhe dizer a verdade.

— Nunca mais faça isso, Sofia. Você poderia... poderia... — Ele engoliu em seco e não continuou.

— Desculpa. — Deixei minha cabeça pender sobre seu ombro. — Foi sem querer, eu juro!

— Apenas me prometa que tomará mais cuidado. Eu não suporto nem mesmo a ideia de...

— Prometo que vou prestar mais atenção — eu o interrompi ao notar sua dificuldade em completar aquela frase. — Agora me põe no chão. Estou bem. De verdade, Ian.

Sua resposta foi me aquecer melhor nos braços. Seus passos se tornaram mais rápidos e decididos.

— Já estamos chegando — ele avisou. — Fique tranquila, tudo sairá bem. Estarei ao seu lado o tempo todo. Garantirei que o dr. Almeida a trate de modo a lhe infligir o mínimo de dor possível.

Abri a boca para dizer que ele estava exagerando, assim como fizera com o enxoval, mas no mesmo instante o que ele falou se infiltrou em meu cérebro. Meus olhos se arregalaram, minha boca ficou seca como o deserto e meu coração bateu tão forte que achei que podia muito bem seguir o conselho da Cara de Cavalo e desmaiar.

A expressão apavorada e agoniada de Ian traduzia o seu *mínimo de dor possível* para *dor excruciante e inimaginável*.

Maravilha.